Bolsas — Na sexta-feira: 2,06% São Paulo; 1,62% Nova York

Pontuação B3 — Ibovespa nos últimos dias: 112.517 / 111.716 (20/9, 21/9, 22/9, 23/9)

Salário mínimo — R$ 1.212

Dólar — Na sexta-feira: R$ 5,248 (+ 2,62%)

Últimos	
19/setembro	5,165
20/setembro	5,152
21/setembro	5,173
22/setembro	5,114

Euro — Comercial, venda na sexta-feira: R$ 5,089

CDI — Ao ano: 13,65%

CDB — Prefixado 30 dias (ao ano): 13,66%

Inflação — IPCA do IBGE (em %)

Abril/2022	1,06
Maio/2022	0,47
Junho/2022	0,67
Julho/2022	-0,68
Agosto/2022	-0,36

ENDIVIDAMENTO / De janeiro a agosto, mais de 5 milhões de consumidores buscaram informações sobre renegociação de débitos em uma das plataformas que oferecem esse serviço. Para especialistas, é preciso cuidado para evitar o sufoco financeiro

Brasileiros lutam para pagar dívidas

» MICHELLE PORTELA

O caminho para limpar o nome é mais tortuoso do que parece no discurso político. Tema recorrente nas propostas dos candidatos a cargos eleitorais, o endividamento das famílias brasileiras é motivo de preocupação entre especialistas, que pedem paciência a quem está sem dinheiro para pagar as contas, e prudência contra empréstimos bancários que podem levar ao superendividamento. Para eles, vale até criar um caderninho de anotações e aplicar um post-it no cartão de crédito físico como lembrete para evitar compras desnecessárias.

Dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), divulgados em agosto, mostram que oito em cada 10 famílias (79%) possuem algum tipo de dívida. A pesquisa revela ainda que 29% delas estão inadimplentes, com contas já vencidas.

O alto índice de endividamento causou um movimento pela renegociação de dívidas, envolvendo bancos e empresas de avaliação de crédito. Instituições financeiras como Banco do Brasil, Bradesco e Santander mantêm programas para aliviar a situação dos endividados. A elas se juntam plataformas como Serasa, Acordo Certo e Bravo, que oferecem on-line aos consumidores a chance de resolverem pendências financeiras com descontos que podem, em alguns casos, chegar a 90%.

Apenas no Serasa, mais de 5 milhões de pessoas acessaram o serviço Serasa Limpa Nome (*https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online*), nos oito primeiros meses deste ano, em busca de informações sobre como sair do endividamento. O número é 14% superior ao registrado no mesmo período do ano passado. Desse total, 53% encontraram oportunidades para negociar as dívidas, segundo informações do órgão.

Fique atento

Dicas para evitar o sufoco financeiro:

29%

Percentual das famílias brasileiras que estão inadimplentes, segundo a CNC

Passo a passo

O modelo oferecido pelas plataformas é parecido. Nelas, o consumidor pode consultar as dívidas fornecendo o número do CPF. No caso da Serasa, cujo aplicativo também está disponível no Google Play e na App Store, as consultas podem ser feitas por meio de ligação gratuita, pelo número 0800 591 1222 e pelo WhatsApp (11) 99575–2096. A consulta também está acessível em qualquer agência dos Correios, porém, não de forma gratuita. Para isso, é preciso pagar uma taxa de R$ 3,60.

Após a consulta, o site direciona o consumidor para uma página que reúne todas as suas possíveis dívidas. No mesmo endereço, ele recebe dos credores, previamente cadastrados na plataforma, ofertas de renegociação das dívidas. Ainda on-line, o consumidor pode pedir para pagar o montante devido, baixar o boleto e concluir o processo, limpando o nome.

O setor de telecomunicações foi responsável por 54% dos acordos firmados neste ano, abrangendo dívidas com empresas de telefonia, internet e tevê por assinatura. As securitizadoras, empresas que intermedeiam a negociação de dívidas, responderam por 27% dos acordos. O setor de varejo responde por 8% das negociações.

Por região, o Sudeste registrou o maior número de renegociações no período, com 45% dos casos. Logo em seguida vêm o Nordeste (22%), o Sul (12%), o Norte (9%) e o Centro-Oeste (com 8%). Goiás foi o estado do Centro-Oeste com maior número de pessoas que buscaram negociar as dívidas por intermédio do Serasa, com 169.416 mil interessados. O Distrito Federal registra 83.092 procedimentos.

Organizar contas é o primeiro passo

Para Aline Maciel, gerente do Serasa Limpa Nome, a procura crescente por informações confirmam o interesse dos brasileiros em pagar as suas dívidas. "O consumidor geralmente desconhece as ofertas disponíveis e acredita que, só após muitos anos, o valor da dívida pode cair a ponto de ele ter condições para negociar, mas essa não é a realidade. Independentemente do tempo da dívida é bem possível existir uma oferta muito interessante para renegociação, com descontos especiais", explicou.

Economista da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Izis Ferreira lembra que o endividamento é, quase sempre, resultado de um impulso exagerado de consumo. E, nesse caso, a fonte mais acessível é o cartão de crédito. "O endividamento vem associado ao consumo de curto prazo, então, vemos o cartão de crédito mais acessível e o carnê de loja, também, como recursos utilizados na compra de vestuário e eletroeletrônicos, especialmente", observou.

A primeira dica da economista para evitar o peso das dívidas é retomar uma velha conhecida tática dos brasileiros: anotar os gastos. "Os consumidores podem anotar as compras em uma caderneta e colocar um post-it no verso do cartão de crédito físico para manter o alerta sobre o valor da dívida. Tomando como exemplo o cartão de crédito, precisamos lembrar que ele é como uma terceira pessoa, e que a gente paga para usar o dinheiro de outra pessoa", explicou Ferreira.

Outra informação importante é estar atento aos juros cobrados no cartão. "Mesmo quando dizemos que a compra é sem juros, eles vêm embutidos no valor total da fatura. Organização e controle são fundamentais, ainda mais quando estamos numa situação de inflação alta. Nesse momento, o mais importante é ser conservador em relação ao consumo."

Mas qual é o primeiro passo? "O ponto inicial é ter clareza sobre quem é o credor, o valor atual da dívida e o valor original, entre os quais normalmente há uma enorme diferença. Isso, com certeza, ajuda na negociação, tanto no desconto quanto no parcelamento", explica.

Marcello Casal/Agência Brasil

Para especialistas, anotar os gastos é importante para saber por onde escorre o dinheiro

A consultora contábil Dora Ramos, CEO da Fharos Contabilidade e Gestão Empresarial, frisa que, para sanar as dívidas, o consumidor precisa ter clareza sobre quem é o credor, organizar as finanças e avaliar qual o valor disponível para pagar os compromissos. "Por exemplo, se uma família tem R$ 3 mil de ganhos mensais, mas R$ 2 mil já estão comprometidos com as contas fixas, ela precisa avaliar o que pode sobrar do R$ 1 mil restante, e não da renda total. Sempre, é claro, levando em consideração os gastos variáveis e os imprevistos financeiros do dia a dia".

Dora Ramos também recomenda questionar se os novos empréstimos são realmente a melhor maneira de quitar as dívidas. "Quando há essa possibilidade, é necessário analisar as condições do produto, as taxas e juros. Unificar as dívidas em apenas um credor pode ajudar, mas reduzir a quantidade de parcelas nem sempre é o melhor negócio. É importante destacar que a melhor parcela é aquela que pode ser paga sem comprometer o orçamento", afirma. (**MP**)

Terremoto no mercado

Após um descolamento do conturbado ambiente externo nos últimos dias, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) foi engolfada ontem, pela onda de aversão ao risco que tomou conta dos mercados mundo afora. Principal indicador dos negócios, o Ibovespa fechou em baixa de 2,06%, aos 111.716 pontos. Com os investidores se desfazendo dos papéis, alguns dos títulos mais negociados no pregão sofreram fortes baixas. As ações da Petrobras por exemplo, caíram 6,2% (preferenciais) e 7,06% (ordinárias), levando a estatal, segundo analistas, a perde R$ 30 bilhões em valor de mercado.

De acordo com operadores, a degringolada da economia europeia, atestada por indicadores econômicos decepcionantes e a perspectiva de aperto monetário mais forte nos Estados Unidos, dado o tom duro do Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) no combate à inflação, provocou uma corrida global à moeda norte-americana e deprimiu as cotações de commodities. No Brasil, o dólar comercial disparou 2,62% e terminou o dia cotado a R$ 5,248.

Em discurso na tarde de ontem, o presidente do Fed, Jerome Powell, disse que o BC dos EUA lida com uma "situação econômica excepcional" e que está "comprometido a usar todas as ferramentas para ver a econômica superar esse período desafiador".

Para Rodrigo Jolig, CIO da Alphatree Capital, o mercado parece estar "finalmente entendendo" que o Fed vai fazer o que for necessário para conter a inflação, o que significa apertar as condições financeiras até que a economia desacelere e o mercado de trabalho esfrie. "O Fed vai subir os juros e acabar gerando uma recessão. Os outros BCs estão tentando reagir de uma forma atabalhoada, o que causa essa confusão nos mercados", afirmou.

Atuação do BC

Pela manhã, o Banco Central brasileiro anunciou leilão de linha (venda de dólar com compromisso de recompra) de até US$ 2 bilhões, totalmente absorvido pelo mercado. Segundo operadores, a atuação do BC não esteve relacionada à arrancada da moeda americana, mas ao suprimento de uma demanda pontual por dólares para operação específica.

Na Bolsa, a queda de ontem foi a maior desde o último dia 13 (-2,30%). Ainda assim, o Ibovespa manteve ganho de 2,23% na semana. No mês, o indicador sobe 2% e, no ano, 6,58%. "As autoridades monetárias têm elevado o tom no combate à inflação e o custo, para isso, é o de bolsas em queda e atividade econômica mais fraca", observou, em nota, a Guide Investimentos. "A avaliação para a economia europeia é extremamente negativa."